

## O Ofício dos Marmoristas e as Memórias no Cemitério Municipal de Juiz de Fora (1870-1940)

LEANDRO GRACIOSO DE ALMEIDA E SILVA<sup>1</sup>; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – leandroleko.almeida@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural na linha de pesquisa Memória e Identidade.

De acordo ALMEIDA (2007) seguindo as medidas higienistas implantadas na Europa entre os séculos XVIII e XIX que pregavam a separação de vivos e mortos, temos no Brasil através de uma carta-régia ainda no período colonial uma determinação que proibia os enterros no interior das Igrejas, além de orientar à construção de cemitérios. Em 1825 já no Brasil Império, tem-se uma portaria legislando sobre os sepultamentos e em 1828 o Imperador D. Pedro I, através da Lei de 28 de outubro, decretava o fim dos sepultamentos nos recintos religiosos, delegando às câmaras o direito e dever de fazer-se cumprir tal norma.

A fim de se cumprir tais normas, tem-se em 2 de novembro de 1864 de acordo com COSTA (2007) a inauguração do Cemitério Municipal de Juiz de Fora, apenas 8 anos após sua elevação a categoria de município. Tal fato causaria grande transformação em relação ao destino que se dava até então aos mortos.

Possuindo um vasto acervo de esculturas talhadas em mármore, o Cemitério Municipal de Juiz de Fora traduz através da arte tumular a visão de morte que a população tinha na época, conforme MOTTA (2008).

De acordo ARIÈS (2003), a prática da sepultura individualizada e em espaços específicos para este fim não surgiu no Ocidente durante os séculos XVIII e XIX como uma novidade, esta já existia no período do Império Romano, mas desapareceu do Ocidente Cristão para a população em geral, com a organização da Igreja, devido a sua preocupação com o corpo e alma de seus fiéis. Mas foi durante o final do século XVIII e início XIX no período de ascensão do romantismo, dos heróis nacionais que há um resgate da prática, entretanto inicialmente apenas por questões de saúde pública e não por simbolismos.

Para ARIÈS (2003) é neste período que surgem túmulos de caráter cívico, as visitas aos cemitérios se tornariam rotina e a necessidade de se demonstrar o quão digno o membro familiar que ali jazia se fez necessário, assim como garantir a perpetuidade do túmulo. Estes elementos são fatores essenciais para compreender o surgimento e a ascensão das marmorarias que agora estariam incumbidas de fazer a memória do defunto, são os marmoristas, o objeto deste trabalho.

Foi durante o século XIX devido a um grande fluxo de imigrantes europeus chegando às Américas, que temos o início de uma mudança. Eles trariam além de seus hábitos e valores seus gostos estéticos para o Novo Mundo. Além de conhecimentos de agricultura, os imigrantes dominavam uma gama de técnicas artesanais e manufactureiras relativamente diversificadas.

Estes imigrantes se aproveitaram da situação de crescimento econômico proporcionado pelo café no caso juizforano e os valores burgueses com sua

aversão ao que era nacional típico do Brasil do século XIX. Temos em Juiz de Fora a exemplo de outras cidades brasileiras, as condições necessárias para os marmoristas analisados neste trabalho. Aqui eles encontraram um mercado promissor no que BORGES (2002) chama de “morte burguesa”.

Através da bibliografia e do inventário se fez um recorte cronológico de 1870 a 1940. Percebe-se que o 1870 é quando o uso de alegorias no Cemitério Municipal de Juiz de Fora começa a se difundir e o ano de 1940 é o ano no qual o seu uso entra em rápido declínio.

BELLOMO (2000) entende que ao longo do tempo as sociedades humanas estão em constante transformação e os cemitérios se constituem como vestígios a céu aberto que propiciam aos pesquisadores interpretações dessas sociedades. São fontes escritas e não escritas para a reconstrução do passado, pois viabilizam a compreensão das relações sociais que se desenvolvem continuamente dentro de determinado grupo social.

As fontes iconográficas, segundo VOVELLE (2004) são portadoras de um discurso, se não autônomo, ao menos específico, e possuem sua própria dinâmica.

Os cemitérios oitocentistas ao contrário do que hoje possam parecer, não eram feitos exclusivamente para os mortos, são sobretudo feitos para os vivos. Por isso a organização dos cemitérios (com suas avenidas, os diferentes tipos de habitações, que contêm a forma de se embelezar, as suas relações de vizinhança, a hierarquização dos seus espaços) obedece a critérios semelhantes à cidade dos vivos.

Ainda pensando os cemitérios enquanto cidades dos mortos, temos a produção escultórica e simbólica que é profusamente aplicada aos cemitérios – durante o que VOVELLE (1997) chama de “período áureo da arte tumular”, que perdura na Europa entre os anos de 1860 a 1930, e que, no Brasil segundo BORGES (2002), ocorre de forma similar.

## 2. METODOLOGIA

Quanto a fontes e métodos utilizados nesse trabalho, produziu-se um inventário de jazigos *in loco*, consultaram-se os chamados *almanaques* que eram livros de propaganda onde anunciavam industriais e comerciantes, uma vez que a presença dos marmoristas consta nestes registros, já que se dedicavam ao comércio.

A fim de contribuir para esta análise, foram consultados também os registros no Arquivo Central da UFJF que dispõe de rico acervo de testamentos desde meados do século XIX até o período abarcado nesta pesquisa.

Para uma melhor compreensão da temática foi essencial se fazer uma revisão bibliográfica da abordagem da história cultural e do imaginário coletivo, a partir da Escola dos *Annales*, que a fim de ampliar os eixos temáticos e possíveis novas abordagens na pesquisa em História. Considerando isso, o tema da morte ganharia novas interpretações e novas abordagens no que se insere na “história das mentalidades”, campo de pesquisa bastante socializado no contexto europeu desde os anos de 1970.

A historiografia produzida a respeito da arte em cemitérios é essencial para se compreender quais eram os gostos estéticos mais comuns no Brasil e os discursos produzidos por estes artistas-artesãos, sendo assim trabalhos como BORGES (2002), ALMEIDA (2007), CARVALHO (2009) entre outros são fontes importantes.

Autores que nos ajudam a pensar sobre a memória também foram necessários para este trabalho sendo estes pensadores: ABREU (1996), CANDAU (2011), HALBWACHS (2006). Tais autores contribuem para fundamentar os cemitérios enquanto lugares de memória, pois os lugares de memória nascem e sobrevivem ao se entender que não são espontâneos e para que não desapareça a memória, tais espaços são criados.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As marmorarias identificadas que assinaram obras observadas *in loco* no cemitério eram de propriedade de: Pereira & Costa, Frateschi, Scartatelli, Senatore, Francesco di Paula Castello e Riolino.

Pereira & Costa eram de origem luso-brasileira nascidos na cidade, estes marmoristas apenas parecem ter observado uma possibilidade de negócio com a arte funerária e iniciaram suas atividades no segmento pouco tempo após a construção do cemitério em 1870 e encerram suas atividades ainda no século XIX. Frateschi, Scartatelli, Senatore, Castello e Riolino eram de origem italiana e chegaram na cidade no final do XIX, todos com objetivo de se instalar definitivamente. Riolino foi o único que veio com apenas 12 anos, com destino a outra cidade, Rio Novo, não tinha formação em escultura, mas aprendeu o ofício com Castello quando se mudou para Juiz de Fora.

Os outros citados já detinham o saber-fazer e vieram se instalar aqui se aproveitando da recente construção do cemitério e da riqueza da cidade conseguida através da exportação de café. Os marmoristas de modo geral procuravam em se instalar em localidades onde a economia fosse pujante e assim haveria público para consumir seus trabalhos que eram caros, apesar de anunciarem que cobravam preços modestos.

A necessidade de se construir memórias públicas, fez das famílias mais abastadas seu principal mercado, os marmoristas vendiam mármore para qualquer uso: pias, escadas, etc. Mas era o cemitério a principal razão para se contratar seus serviços.

Foi através da arte que nobres e burgueses buscavam se afirmar no cemitério. De acordo com BELLOMO (2000) os nobres pelo prestígio que já possuíam graças ao título, não construíram túmulos monumentais para seus familiares, afinal já eram de famílias nobres, enquanto os burgueses buscaram se afirmar através da arte fúnebre com túmulos que alcançavam grande verticalidade, chegando há mais de 4 metros de altura em alguns casos.

### 4. CONCLUSÕES

Entende-se que este trabalho ainda que seja o início de uma pesquisa maior, poderá trazer de acordo com as fontes já levantadas novas possibilidades para se pensar a questão da formação social e econômica da cidade sobre os mais diversos pontos de vista: suas práticas religiosas, as tensões étnicas, poder aquisitivo das famílias, etc.

Tendo como parâmetro para esta análise os costumes fúnebres juizforanos e os usos que se propunham fazer através da arte no cemitério. A princípio, tais usos seriam os mais diversos, a presença em destaque de certos grupos da elite econômica, imigrantes ou a “invisibilidade” de pobres e negros, a mobilidade dos marmoristas e seu saber-fazer são motivos para se refletir ao longo do avanço desta pesquisa.

Também se pretende construir através deste trabalho uma nova possibilidade para se pensar a história e o patrimônio local. O saber-fazer destes profissionais, os marmoristas, que foram sujeitos fundamentais na construção de discursos da memória pública da cidade de 1870 a 1940 e sem dúvida, construtores de um patrimônio material até então desconhecido ou subvalorizado, precisa ser repensado.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. **A Fabricação do Imortal**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALMEIDA, M.G. **MORTE, CULTURA, MEMÓRIA – MÚLTIPLAS INTERSEÇÕES: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BELLOMO, H. R. (Org.) **Cemitérios do Rio Grande do Sul; Arte, Sociedade, Ideologia**. Porto Alegre, Ed. da PUCRS, 2000.

BORGES, M. E. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo. Contexto, 2011.

CARVALHO, L. F. N. **A antiguidade clássica na representação do feminino: pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930)**. Dissertação 2009. Mestrado em Artes Visuais. Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

COSTA, F. M. M. **A morte e o morrer em Juiz de Fora: Transformação nos costumes fúnebres (1851- 1890)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora.

HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MOTTA, A. **À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

RICOEUR, P. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Seuil, 2000. (A memória, a história, o esquecimento. tradutor Alain François et al., Campinas: Editora da UNICAMP, 2008)

VOVELLE, M. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo, Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_, **Imagens e Imaginário na História: fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. São Paulo: Ática, 1997.